

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO ASSENTAMENTO RODEIO – PRES. BERNARDES/SP

Braz Firmino de Souza – Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp
braz2006@hotmail.com

Luís Antonio Barone – Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp
labarone@stetnet.com.br

Introdução

Os assentamentos rurais atualmente vêm contribuindo para uma nova configuração do espaço agrário brasileiro. Uma grande leva de assentamentos de reforma agrária que vem eclodindo no Brasil, resultado principalmente da organização de trabalhadores rurais ligados a movimentos sociais de luta pela terra ou não, tem contribuído em larga escala para a divulgação do problema fundiário brasileiro. O presente trabalho teve como objetivo avaliar a inserção econômica do assentamento Rodeio na economia local e regional, bem como os trabalhadores se organizam para inserir sua produção no mercado cada vez mais competitivo. O assentamento está localizado no Município de Presidente Bernardes, sudoeste paulista, região conhecida como Pontal do Paranapanema que tem como característica os intensos conflitos de terras e a forte intervenção do governo estadual na promoção de assentamentos rurais (FERNANDES, 1999). Esta pesquisa constitui-se num dos eixos do Projeto (CNPq) intitulado “Poder Local e Assentamentos Rurais: Expressões de Conflito, de Acomodação e de Resistência”. Através da prática da observação participante – técnica derivada da Antropologia – foram acompanhados o processo produtivo dos principais gêneros produzidos por cinco famílias assentadas, bem como as dificuldades dessas famílias em inserir sua produção no mercado. O trabalho está sendo desenvolvido em parceria de coordenação técnica ente a Unesp e a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo “José Gomes da Silva” (Fundação ITESP), órgão responsável pela execução da política agrária no estado, que poderá se utilizar dos resultados obtidos para a implantação de políticas de melhoria da qualidade de vida das famílias assentadas, não somente na região alvo da pesquisa, mas em todo o Estado de São Paulo.

Localização e caracterização do Município de Pres. Bernardes

O Município de Pres. Bernardes está localizado no sudoeste paulista, região conhecida como Pontal do Paranapanema (que corresponde a 10ª Região Administrativa do Estado de São Paulo). Segundo LEITE (1998), a região teve seu processo de ocupação pautado na grilagem de terras proporcionada por grandes fazendeiros. Os grileiros incentivavam a ida de grandes levadas de famílias para a região para trabalhar na derrubada da mata. Depois da derrubada da mata, áreas imensas de terra eram arrendadas muitas vezes para essas mesmas famílias, que passavam a pagar pelo usufruto da terra, se quisessem permanecer nela, isto quando não eram, definitivamente, expulsas. Segundo o autor em enfoque, os conflitos decorrentes da posse da terra culminaram na morte de um número expressivo de trabalhadores rurais apossados. O desempenho econômico da região sempre esteve atrelado aos empreendimentos agropecuários, o que faz a região ser conhecida pela exploração da pecuária de corte.

Na década de 1990 o Pontal do Paranapanema passou por um acentuado processo de ocupação de terras promovido por movimentos sociais, com destaque para o MST, fazendo a região ganhar

notabilidade na luta pela terra no Brasil. Tais ocupações contribuíram sobremaneira para pressionar o Estado para a implantação de políticas de assentamento de trabalhadores rurais na região. O Pontal do Paranapanema concentra hoje o maior número de assentamentos rurais no Estado de São Paulo e representa um dos principais focos de referência da problemática da questão agrária brasileira, o que muito tem chamado a atenção da mídia em geral.

O município de Presidente Bernardes tem uma população de cerca de 15 mil habitantes, ocupa uma área de 755,7 km² e conta com oito Projetos de Assentamentos (P. A.s) no seu território, como se segue no quadro abaixo:

Assentamento	N ^o de lotes familiares	Área total (ha)	Início
Palu	44	1.243,85	setembro/96
Santa Eudóxia	06	167,00	setembro/96
Florestan Fernandes	55	1.116,61	agosto/98
Rodeio	65	1.861,39	março/97
Santo Antonio	24	672,85	setembro/98
Quatro Irmãs	15	385,98	outubro/98
Água Limpa 1	24	672,85	setembro/96
Água Limpa 2	26	789,00	setembro/96

Fonte: <http://www.itesp.sp.gov.br>

Embora com diferentes tempos de existências, a situação desses projetos é bem semelhante em termos de carência de recursos para o desenvolvimento de atividades produtivas e de demandas junto ao Poder Público (BARONE, 2000).

Características do Assentamento Rodeio

O assentamento Rodeio, universo empírico desta pesquisa, tem uma peculiaridade em relação aos demais assentamentos da região: possui uma escola municipal de Ensino Infantil e Básico (1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental) denominada “Escola Educador Paulo Freire”, que acolhe todas as crianças nesta faixa escolar do assentamento Rodeio e dos demais assentamentos do município de Presidente Bernardes. A escola conta ainda com um programa de alfabetização de jovens e adultos no período noturno. O transporte dos alunos fica sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal. É importante ressaltar o papel que a escola desempenha na sociabilidade entre as famílias assentadas do Município, pois é nela que os trabalhadores realizam reuniões para tratar de problemas pertinentes aos assentamentos e promovem comemorações e festividades que reúnem todas as famílias assentadas da região.

A área dos lotes varia de 17,5, 18,5 e 20 hectares, dependendo da localização, dos aspectos topográficos e da qualidade do solo.

No assentamento existem três associações. Duas estão ligadas à utilização de um trator e a outra associação é composta por um grupo de mulheres que cultivam uma horta. O número de trabalhadores associados gira em torno de 17 trabalhadores, o que pode ser considerado baixo, para um universo de 65 famílias assentadas.

Mesmo diante da importância do trabalho cooperativo com vistas a uma melhor implementação da produção nos assentamentos rurais (FABRINI, 2001), muitos trabalhadores se recusam

terminantemente a participar de trabalhos cooperados, pois, no dizer de alguns, “é muita conversa e pouco resultado”. Preferem trabalhar apenas na companhia da família.

Organização espacial dos lotes

Apesar de apresentarem algumas diferenças, quanto à organização espacial, os lotes se apresentam basicamente de maneira semelhante. As casas das famílias visitadas são todas de alvenaria, cobertas de telhas e se encontram geralmente próximas à entrada principal. Próximo à residência observa-se a presença de árvores frutíferas como mangueiras, goiabeiras, caramboleiras, entre outras e gêneros utilizados na preparação da alimentação diária da família, como hortaliças, por exemplo. No caso da manga que se encontra em abundância, por vezes há a comercialização do produto em feiras livres das quais os assentados participam. Próximo à residência também se encontra criações de galinhas e porcos. A lavoura propriamente dita e a criação de gado estão mais afastadas da residência, distribuídas por todo o lote.

Mão-de-obra empregada na propriedade

A mão-de-obra empregada é geralmente a familiar, mas algumas vezes como em épocas de plantio e de colheita, quando o trabalho é intenso, alguns assentados afirmaram “contratar” mão-de-obra temporária do próprio assentamento (e mesmo de fora dele) para ajudar no trabalho a R\$ 15,00 a diária. Há também a troca diária de serviço, prática que consiste no seguinte: alguns assentados combinam de trabalhar um dia um lote, outro dia em outro lote e assim sucessivamente até que todos sejam contemplados com o trabalho de todos.

Assistência técnica

A assistência técnica, que consiste na orientação no que diz respeito à correção do solo, dosagem de insumos, escolha de culturas, manejo correto do solo e orientação quanto à concessão de créditos, entre outros, é de extrema importância para o bom desempenho econômico dos assentamentos rurais. BERGAMASCO & FERREANTE (1998), em análise ao Primeiro Censo da Reforma Agrária no Brasil realizado em 1996, constatam que os assentamentos em que há uma efetiva ação do setor público, a condição de vida da população assentada é relativamente melhor do que nos assentamentos em que a ação poder público é escassa ou ausente. Segundo as autoras, os assentamentos que usufruem de assistência técnica têm melhor desenvolvimento econômico que os outros assentamentos desprovidos da mesma.

A assistência técnica promovida pelo ITESP, órgão do governo estadual responsável pelo gerenciamento de assentamentos localizados em terras públicas estaduais, é tida como precária pela maioria dos trabalhadores assentados. Um assentado, por exemplo, alega já ter perdido criação de gado por falta de assistência veterinária. Ainda segundo informação dos trabalhadores, não há nenhuma orientação do ITESP quanto à comercialização dos gêneros cultivados, ficando esta tarefa a cargo do próprio assentado. Como exemplo tem-se o caso de um assentado que cultivou bucha, teve uma boa produção (dez sacas), mas ficou com a mercadoria estocada em casa por não encontrar mercado consumidor. As visitas esporádicas do ITESP, juntamente com um número insuficiente de técnicos são apontados pelos assentados como agravantes da situação. Segundo informações do Grupo Técnico de Campo (GTC) do escritório do ITESP de Pres. Bernardes, a distribuição de técnicos por assentados se dá, aproximadamente, à proporção de um técnico de

desenvolvimento agrário para um grupo de 90 assentados e de um agrônomo para um grupo de 300 assentados.

Não obstante a toda problemática causada pela esporádica e escassa assistência técnica no assentamento, outro problema relevante que impossibilita o bom desempenho dos assentamentos rurais, em geral, é o difícil diálogo entre técnicos e trabalhadores assentados.

O técnico, na sua maioria, direcionado por uma visão exclusivamente tecnicista, até mesmo por sua formação técnica e não humanística, FREIRE (1982) acaba, por vezes, desconsiderando toda uma carga de experiência de vida do trabalhador, pondo-se como sendo quem detém de fato todo conhecimento acerca dos modos de produção. A linguagem empregada pelo técnico, herdada no meio acadêmico, é geralmente inacessível ao trabalhador na sua maneira simples de ser.

Produção para o autoconsumo

Em trabalho realizado em assentamentos rurais de reforma agrária no Estado de São Paulo, SANTOS e FERRANTE (2003) apontam a importância da produção para o autoconsumo, uma vez que evita gastos na aquisição de produtos fora dos lotes. A distinção entre gêneros alimentícios produzidos para o autoconsumo e para a comercialização não é tão simples, pois geralmente parte do que é produzido para a comercialização é retirada pela família para o autoconsumo. Os principais gêneros produzidos para o consumo são feijão, café, mandioca de mesa, milho, hortaliças, cujos excedentes são sempre comercializados, sejam em feiras livres ou em estabelecimentos comerciais que compram diretamente no assentamento.

A mandioca de mesa (aquela que não precisa ser processada para ser consumida) tem parte destinada para fazer bolos, tapiocas e produtos afins que são vendidos em feiras livres. O milho é utilizado principalmente para ração de animais como porcos e galinhas.

Produção para a comercialização

Além dos produtos acima mencionados destinados para o autoconsumo, mas cujo excedente é comercializado, há outros gêneros, no entanto, destinados exclusivamente para a comercialização, como é o caso da pecuária leiteira (parte do leite é consumida pela família), da “mandioca braba”, da grama e do algodão. A pecuária leiteira está presente em todos os lotes, sendo que um dos assentados visitados se dedica exclusivamente a ela. O leite é apontado pelos assentados como uma fonte de renda garantida, e a baixa fertilidade do solo para a produção agrícola também estimula a produção leiteira. O único problema apontado pelos assentados quanto à produção de leite é que em tempos de seca, quando há escassez do produto, o preço aumenta; em tempos de chuva, quando o pasto está abundante, permitindo produzir mais, o preço do produto diminui. A instalação de resfriador de leite no assentamento, segundo os assentados, não trouxe muitos benefícios, somente permite que o leite possa ser recolhido até mais tarde. O laticínio é responsável por retirar o leite do lote e levar até o resfriador.

Presente em praticamente todos os lotes, a mandioca é produzida geralmente por contrato de exclusividade que, segundo os assentados, funciona da seguinte forma: a feccularia fornece os insumos necessários para o plantio da mandioca (rama e calcário) a um preço abaixo da média do mercado e o assentado, por sua vez, deve vender toda a produção para a própria feccularia. O valor comercial da mandioca varia de acordo com uma pontuação que lhe é atribuída, que varia de 14 a 24

pontos. Segundo os assentados, quanto mais “enxuta” for a mandioca, maior a pontuação que ele recebe. No caso do assentamento Rodeio, a maior parte da mandioca cultivada obteve 19 pontos, sendo comercializada a R\$145,00 a tonelada. A grama também recebe uma pontuação, que varia de 0 a 100 pontos.

Um problema que deve ser considerado é que nem todos trabalhadores sabem ao certo com que são atribuídas as pontuações, aos produtos (mandioca e grama), ficando tudo a serviço do comprador.

Comercialização

A comercialização é feita geralmente a granel, em feiras livres e mesmo em pequenas quantidades. Há também a venda de produtos entre os próprios assentados, no caso de produtos que um cultivou e outro não. Apesar do assentamento se localizar no Município de Pres. Bernardes, a comercialização dos principais gêneros cultivados pelos assentados, bem como a compra dos insumos e até mesmo de outros produtos de uso doméstico são feitas em centros urbanos vizinhos, como Mirante do Paranapanema, Nova Pátria (distrito de Pres. Bernardes), Pirapozinho, Teodoro Sampaio, Tarabai, entre outros, em decorrência da distância geográfica do assentamento em relação à sede do município (40 km).

Produto	Local comercializado
Mandioca	Tarabai, Mirante do Paranapanema
Grama	Teodoro Sampaio, Pirapozinho, Costa Machado
Leite	Teodoro Sampaio, Martinópolis
Algodão	Martinópolis

Fonte: Pesquisa de campo

Os assentados dirigem-se somente a Bernardes para executar serviços bancários ou quando precisam resolver algum problema com os órgãos da administração municipal, como saúde, educação, entre outros. Além da longa distância, a má conservação das estradas e a falta de transportes públicos são apontadas pelos assentados como obstáculos que dificultam o acesso à cidade de Bernardes.

Conclusão

O trabalho realizado constata que o assentamento Rodeio possui uma considerada diversidade econômica, no que concerne aos gêneros produzidos para a comercialização, mas que o leite e a mandioca constituem-se a força motriz do assentamento, de modo que a economia do assentamento está centrada basicamente nesses produtos. Outros gêneros, como a grama (para extração da semente) e o algodão também têm peso relevante na economia do assentamento.

O fato de praticamente todos os pesquisados assentados produzirem para o autoconsumo, principalmente os gêneros basilares de sua alimentação, como o feijão e a mandioca, entre outros, como hortaliça, evita que esses produtos sejam adquiridos no mercado, de modo a reduzir os gastos com alimentação. Apenas um dos assentados se dedica exclusivamente à pecuária leiteira. Adquire-se fora dos lotes apenas produtos beneficiados e/ou industrializados (açúcar, óleo, macarrão) e outros gêneros agrícolas que não produzem, no geral culturas mais exigentes com o cultivo, além de produtos não alimentícios (material de higiene e limpeza, entre outros). O arroz, por outro lado,

mesmo sendo um alimento basilar da alimentação dos assentados, não é cultivado, dada as dificuldades existentes para o cultivo, por ser uma cultura que requer certo cuidado.

Um fator detectado na pesquisa que muito interfere na qualidade de vida dos assentados é o isolamento do assentamento dos centros urbanos, principalmente de Bernardes – seja em decorrência da distância física, seja em decorrência à dificuldade de acesso em virtude da má conservação das estradas e da falta de transportes públicos. A falta de um corpo técnico atuante no assentamento também é um fator que deve ser considerado, pois contribui para que os trabalhadores não tenham um melhor desempenho econômico.

Nota-se no assentamento Rodeio uma falta de ações cooperativas entre os trabalhadores assentados – que poderiam contribuir para aumentar a eficácia de seu trabalho –, seja porque “*vêem no trabalho coletivo uma ameaça ao seu projeto de ser colono*” (FABRINI, 2001), seja porque trazem no bojo de suas experiências a prática do trabalho familiar.

Referências bibliográficas

BARONE, L. A. Assistência aos assentados de reforma agrária: da política reativa ao vazio de projeto: o caso do Estado de São Paulo. In: FERRANTE, V. L. B. (org.). Retratos de Assentamento assentamentos, ano V, no, 8, Araraquara: NuPeDoR/FCL, 2000.

BERGAMASCO, S. M. P.; FERRANTE, V. L. S. B. No reino da modernização: o que os números da Reforma agrária (não) revelam. In: SCHIMIDT, B. MARINHO, D.; ROSA. S.(orgs.). Os assentamentos de Reforma Agrária no Brasil, Brasília: Unb, 1998

CADERNO ITESP – 7. Cultivando sonhos: Caminhos para a assistência técnica na reforma agrária. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Páginas & Letras – editora Gráfica, 2000

FABRINI, J. E. Assentamentos de trabalhadores sem-terra: Cascavel: Edunioeste; Marechal Cândido Rondon: LGeo, 2001

FERNANDES, B. M. MST: Formação e Territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996

FERNANDES, B. M.; RAMALHO, C. B. A. A luta pela terra no Pontal do Paranapanema. Revista Geografia em Atos. Vol. 1 n. 2 FCT/UNESP, 2000.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação?. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

GEERTZ, C. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989

LEITE, J. F. A ocupação do Pontal do Paranapanema. São Paulo: Hucitec, 1999

SANTOS, I. P.; FERRANTE, V. L. S. B. (orgs.). Da terra nua ao prato cheio: Produção para o consumo familiar nos assentamentos rurais do Estado de São Paulo. 1 ed. Araraquara: Fundação ITESP/UNIARA, 2003